



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MARIANE DE BARROS TEIXEIRA

IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS: ANÁLISE DE IMPLÍCITOS
PRAGMÁTICOS NO LIVRO DIDÁTICO

João Pessoa

2024

MARIANE DE BARROS TEIXEIRA

IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS: ANÁLISE DE IMPLÍCITOS
PRAGMÁTICOS NO LIVRO DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Leonor Maia dos Santos

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T266i Teixeira, Mariane de Barros.

Implicaturas Conversacionais: Análise de Implícitos Pragmáticos no Livro Didático / Mariane de Barros Teixeira. - João Pessoa, 2024.

38 f. : il.

Orientadora: Maria Leonor Maia dos Santos Santos. TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2024.

1. Máximas Conversacionais. 2. Implicatura. 3. Tirinhas. 4. Interpretação. 5. Reflexão. 6. Linguagem. I. Santos, Maria Leonor Maia dos Santos. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 801

*A Deus, à minha família e a todos os que
contribuíram com minha formação humana
e acadêmica, dedico este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por todas as bênçãos em minha vida, pois sem Ele, nada seria possível. Ele conhece cada batalha que enfrentei e os dias em que precisei de Sua força. Obrigado, Pai, por me lembrar que nunca estou sozinha e que Teus planos são maiores que os meus.

Agradeço a mim mesma por não ter desistido, mesmo diante das dificuldades que surgiram durante o curso e a escrita deste trabalho. Mesmo me sentindo incapaz de seguir em frente, perseverei e cheguei até aqui, e sei que posso ir ainda mais longe.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, Severina, que me apoiou em toda essa jornada. Desde o início, quando me ensinou as primeiras palavrinhas, até sua luta para que eu chegasse à Universidade, sempre me incentivando a seguir em frente. Essa conquista é nossa.

Sou grata também a todos os professores que contribuíram para minha formação, aos colegas de curso e amigos que tornaram essa experiência mais leve, especialmente minha amiga Ruth Ellen, que esteve ao meu lado desde o primeiro período, me apoiando e incentivando. Agradeço ainda à Scarlett, minha namorada, por todo o suporte emocional e incentivo.

Minha eterna gratidão à minha orientadora, Maria Leonor Maia dos Santos, por toda a dedicação e paciência nas discussões dos textos. Querida professora, a senhora foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise de implícitos pragmáticos em tirinhas presentes no livro didático **Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso, vol. 3, 2016**, de autoria de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien. A partir do Princípio da Cooperação, as Máximas Conversacionais e Teoria das Implicaturas, formulados pelo filósofo Paul Grice, propomo-nos explicar como as implicaturas conversacionais estão presentes no gênero textual tirinha e no subgênero *cartum*, e como auxiliam na compreensão e reflexão da materialidade textual. Observou-se que o gênero escolhido para análise do *corpus* explora ou quebra pelo menos uma máxima conversacional a cada tirinha para construir os sentidos causadores da ironia; e que a Máxima de Relação é mais frequente, visto que as tirinhas e seus subgêneros se utilizam de metáforas e ambiguidades. Além disso, este trabalho convida à reflexão sobre o conceito de linguagem como ação e interação no mundo, destacando a falta de uma abordagem reflexiva no ensino de língua portuguesa em relação às interações reais. A partir de uma análise pragmática das tirinhas, concluímos que o ensino funcional dos textos pode ser uma ferramenta valiosa para promover um conhecimento mais reflexivo e interativo, favorecendo a interpretação, reflexão e produção textual dos alunos.

Palavras-chave: Máximas Conversacionais. Implicatura. Tirinhas. Interpretação. Reflexão. Linguagem.

ABSTRACT

This work consists of an analysis of pragmatic implicits in comic strips present in the textbook *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso*, written by William Cereja, Carolina Dias Vianna and Christiane Damien. Based on the Principle of Cooperation, Conversational Maxims and Theory of Implicatures, formulated by the philosopher Paul Grice, we propose to explain how conversational implicatures are present in textual genres and help in the understanding and reflection of textual materiality. It was observed that the genre chosen for *corpus* analysis explores or breaks at least one conversational maxim in each strip to construct the meanings that cause irony; and that the Relationship Maxim is more frequent, since the strips use metaphors and ambiguities. Furthermore, this work seeks to reflect a little on the concept of Language as action and interaction in the world and the teaching of Portuguese language based only on highlights and grammatical classifications, resulting from the sentence itself. The analysis assumes that teaching Portuguese, based on linguistic use, causes greater development of criticality and textual production in students.

Keywords: Conversational Maxims. Implicature. Strips. Interpretation. Reflection. Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
2. APORTE TEÓRICO	9
2.1 MÁXIMAS CONVERSACIONAIS	11
2.2. IMPLICATURAS	13
2.3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS IMPLÍCITOS TEXTUAIS	17
3. ANÁLISE DO CORPUS: IMPLÍCITOS PRAGMÁTICOS EM TIRINHAS DO LIVRO DIDÁTICO.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Na Linguística, a área da Pragmática busca compreender as relações entre a língua e sua função nos diversos contextos de uso, estudando os significados que estão para além da sentença. As diversas interações sociais muitas vezes envolvem nuances de significado que não são imediatamente perceptíveis aos falantes no decorrer das situações discursivas. Durante uma interação, os participantes têm a intenção de manter o fluxo da conversa, garantindo que o outro compreenda essas intenções, mesmo que não sejam totalmente expressas verbalmente. Além das palavras proferidas, alguns significados são transmitidos através de gestos e sinais para indicar essas inferências.

O filósofo Paul Grice, em seu artigo “Lógica e Conversação”, de 1975¹, ao analisar os aspectos lógicos subjacentes a essas inferências na comunicação, argumenta que a intenção do falante vai além do que é explicitamente afirmado. Ele propõe que exista um Princípio da Cooperação (PC), uma lógica na intenção comunicativa, na qual os participantes da interação cooperam entre si para compreender essas intenções, através de inferências, elementos que estão além do material linguístico, ou seja, o interlocutor, ao dizer o que diz, acredita que o seu locutor sabe o que ele quer dizer. Essas inferências, que podemos chamar de implicaturas, revelam camadas adicionais de significado além do que é literalmente dito e se dão pelo conhecimento compartilhado entre o leitor e o interlocutor.

Grice então define algumas máximas de que os sujeitos se utilizam para interagir, dizendo que, ao conversar, os sujeitos levam em conta 4 máximas: a Máxima da Quantidade, Máxima da Qualidade, Máxima da Relação e a Máxima de Modo (Essas Máximas serão explicadas no próximo capítulo).

Ao longo da história, um dos meios para registrar e espelhar essas situações sociais, o texto, assim como os proferimentos da fala, reflete as interações sociais e pode conter ideias, ironias e, principalmente, implicaturas. Essa materialidade das interações sociais são muito vistas em sala de aula nos gêneros textuais. Sabendo disso, este trabalho busca analisar um gênero textual muito comum nos materiais didáticos, as tirinhas, partindo do pressuposto que a compreensão desse gênero se dá por meio de elementos do texto e do que está além dele, as implicaturas.

¹ Esta é a data de publicação. Grice já havia divulgado antes essas ideias, pelo menos desde as conferências que ministrou, em 1967, em Harvard (Dascal, 1982, p.81).

Este trabalho consiste em uma análise das tirinhas presentes no livro didático **Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso, vol. 3, 2016**, de autoria de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien, à luz das Máximas Conversacionais abordadas por Paul Grice. As tirinhas são amplamente utilizadas em livros didáticos devido ao seu caráter humorístico e atraente para pessoas de todas as idades. Portanto, o objetivo desta análise é investigar os implícitos por trás do humor das tirinhas, levando em consideração as máximas conversacionais discutidas por Grice. Essas máximas não definem regras para uma conversa, mas sim destacam os acordos tácitos estabelecidos entre os participantes para que o diálogo tenha sentido, mesmo quebrando expectativas.

Assim, propomos analisar os implícitos presentes em 6 (seis) tirinhas paradigmáticas, buscando responder questões como: há uma máxima predominante no gênero tirinha? O objetivo educacional é evidente em todas as tirinhas escolhidas? Para isso, iremos identificar as máximas conversacionais que estão sendo quebradas ou exploradas no livro didático e os recursos utilizados pelos leitores para compreendê-las. Além disso, buscaremos identificar semelhanças e diferenças entre as máximas para refletir sobre as características comuns nesse gênero textual.

Inicialmente trataremos um pouco sobre o que seria a Pragmática para a área da linguagem, com algumas considerações de Levinson (2007) e Pires de Oliveira e Basso (2017), acerca da complexidade de definição do termo e delimitação do estudo. Em seguida, refletiremos como se dão as interações sociais, por meio do jogo das palavras, segundo Grice (1982) e Pinker (2007). Também nos utilizaremos de Pires de Oliveira e Basso (2017) para explicar o Princípio da Cooperação, a teoria das Máximas Conversacionais e Implicaturas, a fim de explicar como se dão os conteúdos processados pelos participantes durante uma situação comunicativa, estudados por Grice.

Posteriormente, discutiremos a importância do conhecimento pragmático para a compreensão e reflexão dos textos no ambiente escolar, com ponderações de Marcuschi (2008) e Geraldi (2016). No capítulo 4 deste trabalho, analisaremos algumas tirinhas retiradas do livro didático e comentaremos as atividades interpretativas, a fim de explorar os aspectos pragmáticos e possíveis interpretações. Por fim, trataremos alguns resultados obtidos nesta pesquisa.

2. APORTE TEÓRICO

De forma tradicional, a sintaxe é definida como o estudo das combinações de palavras, a semântica concentra-se no significado, e a pragmática é encarregada da análise do uso da linguagem (essa é a proposta de Charles Morris, em seu livro de 1938, **Foundations of the Theory of Signs**). Entretanto, esse conceito tradicional de pragmática não abrange completamente o trabalho dos estudiosos da área. Levinson (2007), ao procurar uma definição mais precisa para a pragmática, no primeiro momento diz que sua complexidade reside na extensão de estruturas linguísticas e princípios que podem ter pouca ou nenhuma relação com o texto. Ao considerar as possíveis definições que englobam os elementos do estudo da pragmática, ele reflete sobre uma abordagem da pragmática interessada pela estrutura linguística. Essa definição propõe que a pragmática deve ser entendida como o estudo das relações entre a língua e o contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura linguística.

No entanto, posteriormente, Levinson (2007) afirma que embora essa definição leve em consideração o contexto, ela exclui o estudo dos princípios de uso linguístico cujas repercussões na gramática não são evidentes, como as implicaturas conversacionais — significados que não estão explicitamente formulados na estrutura linguística, mas que são compreendidos pelos falantes durante a interação. Esse interesse pelo conteúdo do falante é o que distingue os estudos pragmáticos de outros estudos, como a semântica.

Pires de Oliveira e Basso (2014) argumentam que a pragmática e a semântica se distinguem não por abordarem o mesmo objeto de maneiras diferentes, mas por se concentrarem em objetos distintos: a semântica analisa o conteúdo linguístico da sentença, enquanto a pragmática estuda o conteúdo relacionado ao falante, que pode estar presente ou derivar do material linguístico.

A pragmática é o campo da linguística que se dedica ao estudo dos proferimentos enunciados dentro de um contexto que abrange a totalidade da enunciação, levando em conta tanto os elementos linguísticos quanto os não linguísticos que compõem o ato de interação. Esse estudo pesquisa a linguagem de uma perspectiva funcional, analisando as relações entre a língua e seu contexto de uso. A pragmática interpreta a língua em contextos específicos onde a enunciação ocorre, considerando as

condições externas à linguagem, como as circunstâncias de produção do discurso, o ambiente e as intenções dos falantes.

Durante uma interação, frequentemente estamos buscando o que está sendo comunicado além do sentido literal das palavras. Isso acontece porque, às vezes, o contexto nos leva a uma única interpretação, enquanto em outras ocasiões ele permite múltiplas leituras, sem que uma delas se sobressaia claramente.

Para chegar a uma interpretação possível, recorremos a inferências que podem estar explícitas na enunciação ou que exigem uma informação implícita ao que foi enunciado, cuja possibilidade se dá a partir de um conhecimento compartilhado entre os participantes da interação. A inferência é um recurso utilizado para a interpretação da intenção do falante.

Apesar de seu artigo “Logic and Conversation” ter sido publicado em 1975, o filósofo Paul Grice estava, há mais de uma década, interessado na ideia de que um enunciado pode transmitir mais do que seu sentido literal. Ao analisar a conversação, ele sugeriu que devem existir regras para que o falante consiga comunicar informações adicionais e para que o ouvinte perceba essas informações, ao que chamou de Princípio da Cooperação.

Para desenvolver sua teoria das implicaturas conversacionais, Grice começou estabelecendo os princípios que orientam a conversação, explicando como e quando podem ser quebrados e quais são as consequências de não os seguir. É importante ressaltar que, Grice, ao formular esses princípios, não disse que as pessoas não seguem uma regra e, por isso, não se comunicam de forma correta. Pelo contrário, ele sistematiza a interação ao dizer que há uma lógica que rege a conversação e que, a partir de algumas regras, as pessoas jogam com as palavras e suas significações, monitorando a conversação, como diz Pinker (2008):

Grice não tinha a intenção de acusar os falantes comuns de ser desleixados ou ilógicos. Pelo contrário, ele propôs que o uso da língua da conversação possui uma racionalidade específica, enraizada na necessidade de os parceiros da conversação cooperarem entre si para transmitir sua mensagem. Os falantes aderem tacitamente a um "princípio da cooperação", disse ele: eles ajustam suas afirmações para o objetivo e a direção momentâneos da conversa. A operação exige que eles monitorem o conhecimento e as expectativas do interlocutor e prevejam a reação dele e suas palavras (Pinker 2008, p.429).

Como dito no capítulo anterior, esse princípio explicaria a lógica comunicativa que o locutor e o interlocutor obedecem ou exploram a fim de cooperar entre si e manter a interação.

Suponha que A e B estejam conversando sobre um amigo comum se que está, atualmente, trabalhando no banco. A pergunta a B como C está se dando em seu emprego, e B retruca: Oh, muito bem, eu acho; ele gosta de seus colegas e ainda não foi preso. Neste ponto, A deve procurar o que B estava implicando, o que ele estava sugerindo, ou até mesmo que ele quis dizer ao dizer que C ainda não tinha sido preso (Grice, 1982, p.84).

Esse é um dos exemplos utilizados por Grice para refletir sobre as duas informações da comunicação: o que é dito e o que é implicado. O acréscimo da informação por A “e ainda não foi preso” exige que B ative outros conhecimentos em comum sobre C para chegar à inferência de que C talvez tenha o temperamento forte. É preciso observar aqui que o verbo tradicionalmente usado em português do Brasil para designar o processo de chegar à inferência descrita por Grice (a implicatura) é “implicitar”. Esse foi o neologismo criado por Wanderly Geraldi para a tradução que fez, em 1982, do artigo “Lógica e conversação”, publicado em Dascal (1982). Neste trabalho, entretanto, vamos seguir o uso que fazem Pires de Oliveira e Basso, preferindo o verbo “implicar” (Pires de Oliveira e Basso, 2014, p.14), já que nosso apoio teórico principal foi o desses autores.

2.1 MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

Além do Princípio da Cooperação, Grice formula 4 máximas que regem a conversação:

- **Máxima da Quantidade:** essa máxima tem relação com a quantidade de informações fornecidas.

(I) Faça com que sua a contribuição seja tão informativa quanto requerido

(II) Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

Nessa máxima, o esperado é que o interlocutor colabore com a informação o tanto que ele tem que colaborar. Digamos que uma mãe vai à reunião de pais na escola do filho para saber como anda o comportamento dele e, ao perguntar se o filho é um bom aluno, a gestão responde “Ele continua muito pontual e vem sempre com o uniforme completo”. O que a gestão quis dizer com o que disse? Provavelmente, a

gestão não quis dizer qual era o verdadeiro comportamento e utilizou-se da exploração da máxima da quantidade para que a mãe entenda a informação implícita: o filho não é um bom aluno.

- **Máxima da Qualidade:**

Supermáxima: Tente fazer com que sua contribuição seja verdadeira

- (I) Não diga o que acredita ser falso
- (II) Não diga o que não pode evidenciar adequadamente

Para explicar, utilizaremos o exemplo seguinte. Supomos que dois amigos marcaram de se encontrar em um barzinho e um se arrumou com roupa social. Ao chegarem no local, o outro amigo diz: “Você veio bem básico, né?!” Nessa situação, o falante está aparentemente quebrando a Máxima da qualidade ao falar algo que acredita ser falso. O amigo que se arrumou sabe que o que o falante está afirmando é falso, logo entenderá que o outro está explorando outro sentido, sendo irônico ao dizer o contrário da mensagem veiculada (você está muito arrumado).

- **Máxima da relevância:** seja relevante.

Imaginemos que um casal de namorados esteja em um jantar romântico e o namorado olha para a namorada e pergunta “por que você está triste? É alguma coisa comigo?” ao que a namorada responde “gostei muito do vinho que pedimos”. A namorada está sendo irrelevante para o curso da conversa e, sendo abertamente irrelevante, pretende que o namorado entenda que ela não quer falar sobre o que está acontecendo. Algumas máximas podem ser exploradas em detrimento de outra. A máxima da relevância, por exemplo, pode estar sendo explorada nessa situação para preservar a máxima da qualidade “tente fazer com que sua contribuição seja verdadeira”. Para não afirmar o que não é verdadeiro, mentir, a namorada é irrelevante.

- **Máxima de Modo:** seja Claro

- (I) Evite obscuridade
- (II) Evite ambiguidade
- (III) Seja breve
- (IV) Seja ordenado

Essa máxima se relaciona, diferente das outras, não com o que é dito, mas como é dito. João faltou ao treino na academia e o personal pergunta, “João, por que você faltou ao treino?”. Ele responde, “Faltei porque eu tive que fazer a feira e o mercado estava lotado. Como hoje foi dia de promoção, as coisas estavam mais baratas. O queijo estava pela metade do preço, mas a fila estava grande. Fomos, minha mulher e eu, fazer feira”. Aqui, a máxima da quantidade, modo e relevância foram quebradas. A prolixidade é contrária à submáxima de modo, “seja breve”.

O Princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais, por meio das quais ele pode ser atualizado, não são conceitos que se relacionam com algo mental, em que existe um espaço específico reservado para cada máxima. As máximas são ferramentas heurísticas para o Princípio da Cooperação (Pires de Oliveira e Basso, 2014, p.35). Grice formulou essas ferramentas para explicar como funciona o raciocínio pragmático no processo da conversa.

2.2. IMPLICATURAS

Como vimos anteriormente, algumas informações são propositalmente ditas/escritas pelo locutor para que o interlocutor entenda mais do que é dito, e essas informações são chamadas implicaturas. As implicaturas foram divididas por Grice (1982) em dois tipos: Implicatura Convencional e Implicatura Conversacional.

Implicatura Convencional: são inferências resultantes do sentido convencional das palavras. Algumas conjunções, por exemplo, são geradoras de inferências, implicaturas convencionais. Vejamos o exemplo de Grice:

(I) Ele é inglês e, portanto, é corajoso

A conjunção ‘portanto’ está veiculando um sentido de causa, como justificativa para que ele seja corajoso. Não é apenas ele é inglês e é corajoso, ele é corajoso porque ele é inglês e ser inglês não acarreta ser corajoso, mas implica.

Implicatura Conversacional: as implicaturas conversacionais são inferências que não estão diretamente ligadas à expressão linguística. Grice, apesar de ter descrito o conceito de implicatura convencional, estava mais interessado nas implicaturas conversacionais. Para que uma implicatura conversacional surja, é necessário que um falante A faça uma afirmação P que pareça violar o princípio de cooperação ou uma de suas máximas e que, por sua vez, seu interlocutor B perceba que A não está violando

essas máximas, mas propositalmente explorando-as para ativar outros significados, uma implicatura (e a partir daqui reservamos o termo "implicatura/s" para implicaturas conversacionais, visto que é nosso objeto de estudo e maior interesse de Grice). Observemos os fragmentos das conversas a seguir:

Digamos que Márcia é mãe de Maria e, em uma manhã ensolarada, coloca as roupas no varal para secarem, mas, à tarde, começa a chover e Márcia não está em casa, apenas Maria. Então Márcia liga desesperada para Maria e diz:

Márcia: Maria, tá chovendo muito.

Maria: eita, mãe! Tá certo, vou tirar as roupas do varal agora.

Nesta primeira situação, a resposta de Maria é aparentemente irrelevante para o que a mãe falou. Segundo a máxima da relevância, é preciso que, para cooperar, o interlocutor responda ao seu locutor sendo relevante. Partindo dessa máxima, a resposta de Maria haveria de ser algo relacionado ao tempo chuvoso, ou algo assim. Mas, se analisarmos a conversa a partir do Princípio da Cooperação (PC) e das Implicaturas, veremos que Maria e sua mãe, Márcia, estão conversando em outro nível que não o significado do conteúdo, do que é literalmente dito. Ao dizer “Maria, tá chovendo muito”, a mãe quer que Maria faça o raciocínio “minha mãe lavou as roupas hoje pela manhã e colocou para secar, mas agora está chovendo e ela me ligou. Para falar desesperadamente que está chovendo, ela não quer dizer apenas que está chovendo, mas quer que eu tire as roupas do varal, senão irão molhar”, raciocínio que é compreendido por Maria e que justifica a aparente “irrelevância” da resposta dela.

Em outra situação, três amigos marcaram de ir à praia, João, Carlos e André. Mas no dia do passeio, amanhece chovendo. No grupo de Whatsapp surge a seguinte conversa:

André: tá chovendo

Carlos: o que é que tem?

João: vou nada!

No segundo diálogo, temos três participantes de uma conversa e algumas implicaturas. Se observarmos apenas o conteúdo, André, ao escrever “Tá chovendo” num grupo referente ao passeio, não está sendo tão diretamente relevante, pois se o

assunto de interesse é praia, o conteúdo do grupo teria que ser o mesmo. Carlos, ao responder “o que é que tem?” parece não ter entendido o porquê de André ter colocado no grupo “Tá chovendo”, se o grupo foi feito para tratar de outro assunto, o de irem à praia. João por sua vez, está ainda mais irrelevante, pois a sentença proferida por ele não se relaciona com a sentença de André, nem com a de Carlos.

Porém, partindo do PC, há um conhecimento compartilhado entre os participantes da conversação. Nesse segundo diálogo, o conhecimento compartilhado entre os três amigos é que, geralmente, nos dias chuvosos as pessoas não costumam ir à praia. Diante disso, duas implicaturas são acionadas a partir do proferimento (ato de proferir, falar) de André, “Tá chovendo”: a primeira é “está chovendo e, geralmente, as pessoas não vão à praia. Nós iremos?” ou “Está chovendo e, em dias chuvosos, eu não vou à praia, então não irei”. O que André quis dizer só será percebido por conta do conhecimento que os outros amigos têm de quem é o André.

Quanto ao proferimento de Carlos, “o que é que tem?”, ele pode estar sugerindo que a chuva não o incomoda. Ao dizer o que disse, Carlos pretende que os outros participantes acionem a seguinte implicatura: “o Carlos sabe que está chovendo e está sendo cooperativo, então ele não está perguntando apenas “o que é que tem?” mas implicando que não é problema para ele ir à praia, mesmo que esteja chovendo”.

Na última sentença, João compreende os significados implicados por André e Carlos, e, ao dizer “Vou nada!”, está concordando com André: “está chovendo, concordo com André e, também, não irei”, ou está inferindo que “está chovendo e dias chuvosos não são bons para ir à praia. Se é necessário que eu opine, não estou disposto ir à praia”.

Como pudemos ver, nas duas situações acima, os participantes buscam acionar conhecimentos que estão além do que o outro disse. A implicatura, nesse sentido, é um mecanismo que restaura a cooperação e mantém o diálogo produtivo (Oliveira e Basso, 2014, p.50). A sentença “tá chovendo”, nos dois exemplos, não é apenas informativa e, dependendo do significado dos falantes, aciona diferentes implicaturas. Se o falante quer dizer uma coisa ou outra, depende de suas características e de sua intenção.

Só é possível, por exemplo, implicar o que André quis dizer com a sentença “tá chovendo”, se eles precisam decidir se irão à praia ou se ele já está dizendo que não vai, a partir das características de André. Pinker, ao pensar sobre “os jogos que as pessoas

fazem” ao estarem em uma interação, diz que "nossas palavras compõem nossa identidade social tanto quanto nossa aparência e nosso comportamento" (Pinker 2008, p.425). Assim, é possível compreender as implicaturas se entendermos que as pessoas estão a todo momento “jogando” com ambiguidades e inferências e pretendendo que o outro também faça isso, buscando sempre compreender sentidos que não estão expostos no material linguístico.

Quanto às características das Implicaturas Conversacionais, Grice destaca 5 propriedades:

- **Canceláveis ou anuláveis:** as implicaturas conversacionais se dão a partir do pensamento abduutivo, cancelável. Se a informação que está veiculada à sentença puder ser cancelada, será uma implicatura conversacional. A interpretação de “tá chovendo”, por exemplo, nas duas situações acima, pode ser cancelável se o significado do falante for somente informativo. Outra situação pode ser ilustrada para explicar esse pensamento.

Vamos supor que Joana pega o mesmo ônibus todos os dias, que vai de Santa Rita a João Pessoa. Em um dia específico, mesmo atrasada, ela vê o ônibus se aproximando de longe e percebe que o pode perder. No entanto, o motorista, ao notar Joana caminhando em direção à parada, decide parar e esperar que ela chegue. Esse gesto do motorista é baseado na prática usual de que Joana pega aquele ônibus todos os dias naquele horário. No entanto, esse é um raciocínio abduutivo, pois naquele dia específico, Joana poderia não estar indo para o mesmo destino de sempre e, portanto, não pegaria aquele ônibus. A inferência feita pelo motorista (que Joana ia pegar o ônibus) não é infalível, embora muito provável.

- **Não destacáveis:** ao dizer que as implicaturas conversacionais são não destacáveis, Grice considera que é possível trocar uma sentença por outra, desde que sejam sinônimas, pois a implicatura está ligada ao sentido do falante e não do material linguístico. Vejamos o exemplo seguinte, retirado de Levinson (2007. p. 145):

(i) John é um gênio.

(ii) John é um idiota.

Em contextos adequados, (i) pode ser proferida e interpretada como (ii), ou seja, como uma ironia. Os contextos que permitem essa interpretação irônica vão permitir a mesma interpretação para o uso de sentenças sinônimas, por exemplo:

(iii) João é um prodígio mental.

(iv) João é um ser humano excepcionalmente inteligente.

Ou seja, a interpretação depende mais do conteúdo semântico inserido em certo contexto. Daí a afirmação de Grice de que a implicatura não é destacável desse conteúdo semântico (Levinson, 2007, p.145).

- **Calculáveis:** “[...] deve ser possível construir um argumento, demonstrando que, a partir do significado literal ou do sentido da enunciação, por um lado, e do princípio cooperativo e das máximas, por outro, segue-se que um destinatário faria a inferência em questão para preservar a cooperação presumida.” (Levinson, 2007, p.145). Ou seja, a proposta não é que os falantes estejam construindo demonstrações mentais para usar implicaturas, mas que é possível descrever, a posteriori, o percurso interpretativo.
- **Não Convencionais:** a implicatura não está ligada exclusivamente aos sentidos das palavras, mas a inferências a partir do significado do falante, em contextos específicos.
- **Não determináveis:** uma vez que não está ligada exclusivamente à semântica das palavras, que seria mais estável, mas à interpretação dos proferimentos em situações específicas e à percepção das intenções prováveis dos participantes das interações, a implicatura é muito variável, e uma mesma sentença pode permitir incontáveis implicaturas.

Podemos concluir que as implicaturas conversacionais fazem parte das interpretações que não estão no nível explícito das enunciações e, de alguma forma, essas implicaturas estão na transversalidade da linguagem. Aos professores de Língua Portuguesa, por exemplo, esse conhecimento pode ser útil para interpretar e refletir as entrelinhas, o que foi dito e o que não foi dito, no texto (aqui entendemos o texto como a materialidade das relações das interações comunicativas).

2.3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS IMPLÍCITOS TEXTUAIS

É amplamente reconhecido e considerado um parâmetro central dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que o ensino de Língua Portuguesa deve ocorrer por meio de textos, permitindo aos alunos ler, interpretar e produzir textos em diversas situações comunicativas. Entretanto, é preciso lembrar que esse ensino deve envolver a reflexão sobre situações comunicativas reais, e não se limitar ao estudo isolado do texto, focando apenas nos recursos da própria sentença, visto que a linguagem parte do uso para chegar até sua materialidade. É importante destacar que não estamos nos referindo a um texto carente de significados em sua estrutura, mas sim enfatizando que a interação humana está repleta de significados que vão além do que está expresso nas frases, conforme discutidos no capítulo anterior.

A BNCC, Base Nacional Comum Curricular, um importante documento que define os direitos de aprendizagem e os conteúdos essenciais que todos os alunos devem aprender ao longo da educação básica no Brasil, segundo Geraldi (2016), assume dois princípios fundamentais sobre o ensino na área de linguagens: a concepção de linguagem como forma de ação e interação no mundo e as práticas comunicativas como o caminho mais eficaz para compreender e produzir textos e refletir sobre eles. Dessa forma, a atuação dos indivíduos envolve a leitura, escuta e produção de textos (oral e escrita), além da reflexão sobre os recursos utilizados nesses textos, integrando a análise linguística.

Sob essa perspectiva de ensino, é fundamental entender que o ensino focado apenas na compreensão sentencial, que se restringe à estrutura linguística, não leva em conta os saberes dos alunos que já dominam a língua materna. O educador deve reconhecer o conhecimento de mundo dos estudantes. Ao ingressarem na escola, os alunos já têm domínio da língua materna, e o papel da escola é aprimorar suas habilidades para utilizar esse conhecimento linguístico, permitindo que explorem e reflitam sobre as interações e o mundo ao seu redor.

Marcuschi (2008) analisa a visão da escola como um espaço limitado ao ensino correto da leitura e escrita, afirmando que a missão da escola vai além disso. Ela deve capacitar os alunos a desenvolver textos que integrem de forma eficaz os aspectos formais e comunicativos. Isso não deve levar à negligência dos processos de comunicação oral, pois a escrita, embora distinta da fala, também é um meio de interação que exige a consideração dos papéis do escritor e do leitor. Quando um texto é

produzido, ele deve manter essa dinâmica, mesmo que não ocorra a interação direta típica da comunicação face a face. Ignorar essa relação pode resultar em textos que não cumpram sua função comunicativa.

É óbvio que se a escola tem como missão primária levar o aluno a bem se desempenhar na escrita, capacitando-o a desenvolver textos em que os aspectos formal e comunicativos sejam bem conjugados, isto não deve servir de motivo para ignorar os processos da comunicação oral. A razão é simples, pois desenvolver um texto escrito é fazer as vezes do falante e do ouvinte simuladamente.

Mesmo que o texto escrito desenvolva um uso linguístico interativo não do tipo comunicação face a face, deve, contudo, preservar os papéis que cabem ao escritor e ao leitor para cumprir sua função, sob pena de não ser comunicativo (Marcushi 2008, p.53).

Além disso, para o autor, é essencial ter cautela ao abordar a noção de competência comunicativa. A competência não pode ser reduzida a uma simples teoria da informação; ela deve ser compreendida dentro de um contexto mais amplo que inclua a etnografia da fala, a análise das interações verbais e as diversas formas de atividade comunicativa. Isso implica em uma reflexão mais profunda sobre o uso da língua, afastando-se do ensino puramente normativo e adotando uma abordagem que valorize a análise crítica e a compreensão dos processos envolvidos na comunicação. Assim, o ensino de língua ganha um novo significado, contribuindo para um aprendizado que é tanto reflexivo quanto prático (Marcushi 2008, p.55).

Essa abordagem é importante, uma vez que reconhece que a comunicação é um fenômeno muito mais complexo do que uma rede de regras gramaticais. Ao destacar a necessidade de considerar seriamente a etnografia da fala e a análise das interações verbais, o autor nos convida a pensar mais sobre como a língua é usada em situações reais, ao invés de uma abordagem normativa que, quase sempre, falha, por não partir do uso à reflexão. Ao compreender que a reflexão de uma produção textual não se dá de forma tradicional, pois a fala precede a escrita, podemos dizer que para construir um conhecimento pragmático, é necessário para que os alunos entendam os sentidos que completam a significação da sentença, buscando destacar as informações explícitas relacionados à materialidade comunicativa.

É importante ressaltar que esses parâmetros que definem essa abordagem crítica e reflexiva ao ensino de Língua, com o intuito de valorizar a análise crítica e a compreensão dos processos comunicativos podem enfrentar desafios práticos na

implementação. Muitos currículos ainda priorizam aspectos técnicos da língua, como gramática e ortografia, em detrimento de uma abordagem mais pragmática.

3. ANÁLISE DO *CORPUS*: IMPLÍCITOS PRAGMÁTICOS EM TIRINHAS DO LIVRO DIDÁTICO

No capítulo anterior, contextualizamos a Pragmática enquanto campo da Linguística; o Princípio da Cooperação, as Máximas Conversacionais e as Implicaturas formulados por Grice; e um pouco sobre esse ensino pragmático na prática da área de Linguagem. Neste capítulo iremos analisar os implícitos pragmáticos em um gênero muito comum nos materiais didáticos: o gênero textual tirinha.

A tirinha e o *cartum* são gêneros textuais muito utilizados como recurso didático para interpretações de texto, os quais combinam elementos visuais com os verbais, usualmente em estilo de quadros. Em geral, são curtos, sendo compostos por apenas algumas faixas ou quadros e abordam uma ampla gama de tópicos que variam do cotidiano a tópicos sociais ou políticos e são sempre destinados a atrair a atenção do leitor ou espectador com o intuito de fazê-los rir ou criticar, provocando aos alunos uma reflexão acerca desses temas.

Esses recursos são destinados a transmitir alguma mensagem, crítica ou ironia de uma forma fácil e rápida, aproveitando a concisão do texto e a expressividade das imagens que contêm. São populares em jornais, revistas e na internet devido à sua abordagem que encoraja o leitor a pensar criticamente por meio de uma piada ou de um argumento formado por linguagem clara e lógica. Portanto, as tirinhas e os cartuns são gêneros textuais com papel persuasivo e humorístico.

Para o *corpus*, foram escolhidas 6 tirinhas, retiradas do livro **Português Contemporâneo – Diálogo, Reflexão e Uso**, de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien. O livro possui 4 unidades, divididas em: 1- Ruptura e Construção; 2- Palavra e Persuasão; 3- Hora e vez da Linguagem; e 4- Caminhos. São, no total, 11 tirinhas, mas nem todas se prestavam ao estudo dos implícitos de tipo implicatura e, por isso, para este trabalho, selecionamos as 6 mais relevantes para a análise.

Abaixo iniciaremos a análise das tirinhas selecionadas:

Figura 1

■ APLIQUE O QUE APRENDEU

Leia a tirinha a seguir e responda às questões de 1 a 3.

MALVADOS ANDRÉ DAHMER



Fonte: (Cereja; Dias Vianna; Damien, 2016)

A Figura 1 é uma tirinha e encontra-se na 1ª unidade do livro, denominada Ruptura e Construção, no capítulo 2 – Modernismo - Concordância Nominal - O Conto Moderno e Contemporâneo. A tirinha está no tópico denominado “Língua e Linguagem: Concordância Nominal”, página 54. Antes de ser trabalhada a tirinha nesse capítulo, os autores fizeram, na seção anterior, uma atividade com um anúncio de uma companhia aérea para refletir o conceito de Concordância Nominal, explicando que, ao alterar o gênero do substantivo núcleo de uma oração, também é necessário modificar o gênero das palavras que o acompanham, como artigos, adjetivos e pronomes, que devem concordar em gênero e número com o substantivo. Sucessivo à tirinha, outro anúncio também é apresentado para trabalhar o tema a que o capítulo se propõe.

Para trabalhar com a tirinha escolhida, são apresentadas três questões. A primeira aborda a concordância nominal e as variedades linguísticas por meio de um quadro que compara o português brasileiro popular e o culto, buscando responder ao enunciado sobre o sentido usual da expressão "entrar na internet" utilizada no primeiro quadrinho. A segunda questão sugere a substituição de algumas palavras para alterar a concordância nominal. Por fim, a terceira pergunta apresenta um caráter mais interpretativo, abordando a fala do terceiro quadrinho, que revela um novo conceito para uma palavra já utilizada anteriormente na tirinha, com as seguintes questões:

3. a) A qual objeto a Internet é comparada?
- b) Qual é a palavra que ganha novo sentido e qual é o novo sentido desse quadrinho?
- c) Explique por que esse novo sentido contribui para a criação do efeito de humor da tira.

Essas três questões só podem ser interpretadas se os alunos tiverem um conhecimento compartilhado sobre o comportamento das pessoas em um automóvel, no trânsito. Nos primeiros dois quadrinhos, observa-se como as pessoas agem na internet, frequentemente expressando raiva e se tratando de maneira agressiva. No terceiro quadrinho, a internet ganha um novo significado, sendo comparada a um automóvel, refletindo as semelhanças no comportamento das pessoas tanto na internet quanto ao dirigir. Na questão (b) a palavra a ganhar novo sentido é “entrar” que, no primeiro quadrinho, tem o significado semelhante a acessar, mas no terceiro acaba transformando em se locomover para dentro do automóvel. Esse informativo está na enunciação da tirinha, mas por si só não traz sentido completo ao humor do texto, somando, ao material linguístico é uma informação implícita à tirinha.

Para compreender que o verbo “entrar” traz um novo sentido ao quadrinho, o locutor pretende que o interlocutor acesse a informação de que as pessoas são violentas ao entrarem no carro e se depararem com algumas situações no trânsito, como o congestionamento de carros, seria uma possível interpretação, uma implicatura conversacional.

Nesta tirinha, a máxima conversacional mais saliente é a de relação, pois, conforme discutido no capítulo 2.1, o locutor deve ser relevante durante a interação. Observa-se que essa máxima não está sendo quebrada, pois a intenção do locutor é transmitir a mensagem de forma implícita, favorecendo uma interação bem-sucedida. Ao afirmar que "a internet é um novo automóvel", o falante não espera que o interlocutor veja isso como irrelevante, mas sim que utilize seu conhecimento de mundo sobre a violência no trânsito para compreender a relevância da interação em um nível extralinguístico e implícito.

Figura 2



(André Dahmer. *Malvados*. Folha online, 28/1/16.)

Fonte: (Cereja; Dias Vianna; Damien, 2016)

A Figura 2 também é uma tirinha da unidade 1 do livro, no capítulo 3 - A Geração de 22 - Regência Verbal – O Conto Fantástico. A tirinha está no tópico “Língua e Linguagem: Regência Verbal”, página 78. Para explorar esse tema, os autores apresentam um cartaz, um anúncio, a tirinha que iremos analisar, dois exemplos de músicas e um cartão postal enviado em 1924 pela artista Tarsila do Amaral a Mário de Andrade. O cartaz, que é o primeiro material utilizado para discutir a regência verbal, é sobre doação de sangue e possui imagem e elementos textuais que fazem referência aos Mangás, histórias em quadrinho de origem japonesa. A primeira atividade, assim como as outras desse tópico, tem como objetivo explicar como alguns verbos se ligam diretamente aos seus complementos, enquanto outros exigem uma preposição. Além disso, destaca que um mesmo verbo pode ter diferentes comportamentos dependendo do contexto em que é utilizado, partindo também do conhecimento de mundo e interpretativo do leitor.

Antes da tirinha, são abordadas as questões 1 e 2, que se baseiam em um anúncio de um parque de diversões, explorando os significados das representações a partir dos verbos no texto. Para trabalhar com a tirinha escolhida, são propostas três questões, da 3 a 5, que também destacam o verbo como um modificador e gerador de humor. Essas questões interpretativas focam em um verbo que introduz ambiguidade na tirinha, contribuindo para o efeito humorístico. Abaixo trarei os enunciados para auxiliar a interpretação da tira:

3. No 1º quadrinho, um dos interlocutores expõe um dado e, no 2º, imediatamente tem uma resposta.

- a. Qual sentimento sugere a primeira parte da resposta dada no 2º quadrinho?
- b. Qual sentimento sugere a segunda parte da resposta dada no 2º quadrinho?

4. No 3º quadrinho, a personagem avalia a resposta de seu interlocutor.

a. Considerando a primeira palavra dita, espera-se que ela vá concordar com o que seu interlocutor disse? Justifique sua resposta.

b. Pelo restante da fala, é possível considerar que ela concorda com seu interlocutor?

Qual novo sentido ganha a primeira palavra dita nesse contexto?

5. O humor da tira é construído com base na alteração da regência de um dos verbos utilizados na tira.

- a. Qual é esse verbo?

- b. Qual a variação na regência e qual mudança ela acarreta no sentido do verbo?
- c. Explique como essa alteração constrói o efeito de humor do texto.

Na questão 3, o enunciado auxilia o interlocutor a interpretar a tirinha, mostrando que, no primeiro e segundo quadrinho da tirinha, as expectativas ainda não foram rompidas e o humor ainda não se manifestou. Já a questão 4 introduz a quebra de expectativa, gerando humor ao comparar o primeiro e segundo quadrinho com o terceiro. A questão 5 explora a materialidade que provoca humor na tirinha, destacando que o verbo "nadar" cria uma ambiguidade: nos primeiros e segundos quadrinhos, refere-se ao ato de nadar, enquanto no terceiro quadrinho é usado como sinônimo de "lavagem de dinheiro" ou "enriquecimento ilícito".

Nesta tirinha, são exploradas três máximas conversacionais: a da qualidade, a da relevância e a do modo. A máxima da qualidade se manifesta no segundo quadrinho, onde o personagem se assusta com a quantia gasta na obra e menciona que "já deve ter gente nadando por lá", sugerindo que o rio está limpo devido ao alto investimento. Ao que o outro personagem responde "sim, já deve ter gente nadando em dinheiro" não revelando o verdadeiro motivo da despesa de oito milhões, explorando, nesse momento, a máxima da qualidade para que seu interlocutor compreenda a informação implícita, a implicatura, de que houve desvio de dinheiro. A máxima da relevância também é explorada, pois, ao associar o verbo "nadar" à natação, o personagem no último quadrinho usa "nadando em dinheiro" de maneira que se afasta do sentido original da palavra. Isso provoca a exploração da máxima do modo, em que a ambiguidade do verbo "nadar" é usada para insinuar o desvio de dinheiro público.

Figura 3

■ APLIQUE O QUE APRENDEU

Leia o cartum abaixo, de Angeli, e responda às questões de 1 a 3.



- Querida, você está um luxo! Aonde vamos?
- Participar de uma passeata contra a concentração de renda e a discriminação social!

Fonte: (Cereja; Dias Vianna; Damien, 2016)

A Figura 3 é um *cartum*, derivação da tirinha, está na unidade 2 “Palavra e Persuasão”, no capítulo 1 - A Geração de 30: Graciliano Ramos - Regência Nominal - O Debate Deliberativo. Ela faz parte do tópico "Língua e Linguagem: Regência Nominal", página 118. Neste capítulo, os autores utilizaram um folder da Delegacia da Mulher, a tirinha presente neste *corpus*, um cartaz e uma música. Por meio do folder e dos outros materiais, os autores exploraram como certos nomes se conectam aos seus complementos.

Para facilitar a interpretação e a reflexão sobre a tirinha, são apresentadas três enunciações interpretativas sobre a construção da imagem e sua relação com o texto da tirinha. Essas enunciações exploram o recurso comum nas tirinhas, que é o uso de imagens que contradizem o que está escrito, as quais são:

1. Observe a parte não verbal do cartum e levante hipóteses:
 - a. Que relação há entre as mulheres que descem a escada e a mulher que está no centro do cartum? Justifique sua resposta com base no desenho.
 - b. A qual tipo de situação social são adequadas as vestimentas do homem e da mulher ao centro do cartum?
 - c. Essas vestimentas condizem com o evento ao qual eles vão?
 - d. O comportamento do homem e da mulher condiz com o propósito desse evento? Justifique sua resposta.
2. Leia o seguinte trecho da fala da mulher: “uma passeata contra a concentração de renda e a discriminação social”
 - a. A quais verbos correspondem os nomes *passeata* e *concentração*?
 - c. De qual verbo deriva o nome *discriminação*? Substitua o termo que acompanha o nome *discriminação* na fala da mulher por outro equivalente, utilizando uma preposição.
 - d. Reescreva a fala da mulher, fazendo as alterações necessárias para tornar a fala coerente com o comportamento dela.
3. É possível considerar que o cartum ironiza o comportamento de um segmento social específico.
 - a. Qual é esse segmento?
 - b. Explique como se constrói essa ironia com base nos textos verbal e não verbal do cartum

O enunciado 1 explora os elementos não verbais, incentivando o leitor a formular hipóteses sobre as características dos personagens na imagem do quadrinho e sua relação com o texto, buscando com que o interlocutor acione o que o enunciado “quer dizer”. A questão (c), por exemplo, promove uma reflexão sobre a diferença entre o que é dito e o que a imagem realmente comunica. O enunciado 2 aborda mais a regência verbal, sem que a interpretação e a reflexão sejam esquecidas no estudo do texto, pois na questão (d) os alunos são solicitados a reescrever a fala, considerando o verdadeiro significado que o quadrinho quer transmitir. Isso garante que a imagem se torne coerente com o que está escrito, fazendo com que o implícito se torne explícito na enunciação. De maneira geral, as três questões relacionam a imagem ao texto do quadrinho, evidenciando que muitas vezes os quadrinhos utilizam a linguagem não verbal para refletir sobre questões sociais que se contradizem.

A máxima explorada nesta tirinha é a da relevância, pois o que a personagem diz no texto da tirinha não é relevante quando observamos a situação que vive em sua casa, uma personagem com características muito ricas, cheias de empregadas em um trabalho aparentemente subalterno. Embora ela esteja indo para uma passeata contra a discriminação social e a concentração de renda, sua própria classe social contribui para essa concentração e, conseqüentemente, para o aumento da discriminação social, como evidenciado na cena das empregadas sendo inferiorizadas.

Figura 4

Leia a tira a seguir e responda às questões de 2 a 5.



(Quino. *Mafalda no jardim de infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 26.)

Fonte: (Cereja; Dias Vianna; Damien, 2016)

A Figura 4 é uma tirinha e está na unidade 3, no capítulo 1, que aborda "A Poesia de 30: Cecília Meireles e Vinícius de Moraes - Análise Linguística: Progressão Referencial e Operadores Argumentativos - A Dissertação". Ela faz parte do tópico "Língua e Linguagem: Análise Linguística: Progressão Referencial e Operadores

Argumentativos", na página 194. No capítulo que contém a tirinha, os autores trabalharam uma redação do ENEM, a tirinha em questão, um anúncio e outra tirinha. Esses recursos foram utilizados para explicar o processo de referenciação e os operadores argumentativos que estabelecem relações entre as partes de um texto.

Nesta tirinha, foram formuladas algumas questões para desenvolver o conhecimento sobre a interpretação do quadrinho, relacionando cada parte às expectativas do leitor e à conexão entre as imagens e o texto. As questões interpretativas são as seguintes:

2. No 1º quadrinho, Mafalda e Felipe conversam sobre um assunto específico. Qual é esse assunto?

3. O 1º quadrinho termina com uma pergunta, o que leva o leitor a estabelecer uma relação entre esse quadrinho e o 2º.

a. O que o pai de Mafalda faz no 2º quadrinho?

b. Com base nas expressões das crianças no 2º e no 3º quadrinho conclua: O que elas pensaram que o pai de Mafalda estava indo fazer?

4. O 4º quadrinho quebra a expectativa das crianças e provoca um comentário de Felipe.

a. Com base na conversa inicial de Mafalda e Felipe, reescreva o comentário do garoto, substituindo *assim* pela ideia que esse termo retoma.

b. Nesse contexto, qual é o valor semântico do termo *tão*?

5. Observe a expressão do pai de Mafalda no último quadrinho.

a. Considerando-se que ele não ouviu a conversa inicial das crianças, o que a reação dele denota?

b. Discuta com os colegas e o professor e conclua: Com que sentido o pai de Mafalda entendeu o termo *tão*, utilizado por Felipe? Justifique sua resposta.

Essas perguntas são elaboradas com o intuito de aprofundar a compreensão do quadrinho, estimulando a análise crítica e a interpretação dos diálogos e das expressões dos personagens. Elas incentivam os leitores a identificar o assunto da conversa, a estabelecer conexões entre os quadrinhos, a explorar as expectativas dos personagens e a refletir sobre as reações deles em relação aos eventos apresentados. Além disso, as questões promovem discussões sobre o significado semântico e as implicações das falas, contribuindo para uma leitura mais reflexiva e engajada do texto visual e verbal.

O segundo e o terceiro quadrinho permitem que o leitor perceba a primeira impressão do personagem, comparando a imagem do quadrinho com a pergunta feita por ele no primeiro quadrinho. Os elementos do segundo e do terceiro quadrinho são interpretados pelos personagens como a resposta à questão do primeiro quadrinho. No terceiro quadrinho, as expressões dos personagens levam tanto o leitor quanto eles próprios a buscar uma resposta para a pergunta anterior, que, aparentemente, é abordada por meio de um raciocínio abduativo e uma implicatura. Porém, no quarto quadrinho, quando veem o pai de Mafalda martelando um prego na cozinha, essa implicatura é cancelada e os personagens chegam à conclusão de que ele não decidiu exterminar as formigas usando o martelo, como implicavam no segundo e terceiro quadrinho.

Além disso, outra implicatura surge no quarto quadrinho, quando o amigo de Mafalda afirma que seu pai não poderia ser tão bobo assim. No último quadrinho, o pai questiona: "tão?". Essa expressão revela uma mensagem implícita, pois, embora o amigo de Mafalda não considere o pai dela tão bobo, ele ainda acredita que ele seja um pouco bobo.

Na tirinha acima, há três quebras das máximas conversacionais: a da relevância, a do modo e a da quantidade. Nos quadrinhos 2 e 3, não há cooperação, nem relação com as informações solicitadas pela pergunta do personagem no primeiro quadrinho à Mafalda, o que leva o leitor a perceber que o fato de o pai estar com o martelo na mão não é relevante nem informativo para a questão levantada. Além disso, no quarto quadrinho, o personagem não explica por que considera o pai dela tão bobo, e, no último quadrinho, o pai se questiona o porquê de o amigo da Mafalda achá-lo bobo, mas essa informação não é respondida na tirinha, o que também quebra a máxima da quantidade.

Figura 5



(Laerte. Acervo do cartunista.)

Fonte: (Cereja; Dias Vianna; Damien, 2016)

A Figura 5 é uma tirinha e está na unidade 3, no capítulo 2, que aborda "A Geração de 45: João Cabral de Melo Neto - Análise Linguística: Informatividade e Senso Comum - A Dissertação (II)". Ela integra o tópico "Língua e Linguagem: Análise Linguística: Informatividade e Senso Comum", na página 213. No capítulo em que a tirinha aparece, os autores trabalharam com manchetes de jornais, notícias, placas informativas e textos narrativos, incluindo a tirinha aqui analisada. Esses gêneros têm como objetivo apresentar fatos e ideias novas, ressaltando a relevância informativa, que está relacionada ao conhecimento prévio dos interlocutores sobre o tema abordado e intimamente ligada ao contexto em que o texto circula. As questões interpretativas foram as seguintes

1. Observe o título da história e levante hipóteses:
 - a. Por que ele está escrito entre aspas?
 - b. A qual das duas personagens essa mesma frase poderia ser atribuída, caso fosse uma fala no contexto da história?
 - c. Por que essa frase está no título, e não no balão da fala da personagem?
 - d. Qual relação pode ser estabelecida entre essa frase e o senso comum? Justifique sua resposta.
2. Ainda a respeito do título:
 - a. Reescreva-o em seu caderno, substituindo as reticências por uma oração que traduza o sentido geral da tira.
 - b. Discuta com os colegas e o professor: Qual a função do operador argumentativo mas nesse contexto?
3. Observe o 1º quadrinho.
 - a. Qual é a relação entre a fala da personagem e o senso comum?
 - b. Que sentimentos manifestam as expressões faciais das personagens?
4. Observe o 2º e o 3º quadrinhos.
 - a. Qual é a relação entre as falas da personagem de vestido rosa e o senso comum?
 - b. Embora faça apenas perguntas, é possível considerar que as falas da personagem de vestido rosa têm um alto grau de informatividade. Justifique essa afirmação.

c. Que sentimentos manifestam as expressões faciais da personagem de casaco azul?

5. Observe o último quadrinho.

a. Qual é a postura da personagem de casaco azul diante da conclusão da personagem de vestido rosa?

b. Justifique essa postura com base no modo como o senso comum é construído na sociedade

As questões sobre a tirinha são construídas gradualmente, desde o título até a análise das partes, para que os alunos reflitam sobre questões sociais e desenvolvam um pensamento crítico sobre as relações de posicionamento social. As duas primeiras questões abordam o título do quadrinho, que já apresenta implicaturas, pois o cartunista não atribuiu a fala a nenhum personagem, estabelecendo assim um tema relacionado à discussão entre eles e ao problema social em questão. Os recursos visuais e as expressões dos personagens comunicam muito sobre seu posicionamento e a maneira como retratam uma conversa real. Enquanto o homem está desesperado e gritando, a mulher que o questiona se mantém tranquila e apresenta mais argumentos do que ele, que está discursando algo que acredita ser falso, porque concorda com a outra personagem de que “todo crime é crime”, mas continua a discursar o contrário.

Uma máxima explorada nesta tirinha é a da quantidade, pois a mulher parece estar se expressando muito em comparação ao homem. Essa exploração da máxima de quantidade busca evidenciar, através de situações concretas, a contradição no discurso dele, que está desesperado ao discutir a "igualdade" em relação à criminalidade contra gays e héteros. Já a máxima da qualidade é quebrada, uma vez que o homem reivindica algo que ele mesmo acredita ser falso. Segundo a máxima da qualidade, como discutimos anteriormente, não se deve afirmar o que se considera falso. Isso é demonstrado quando a mulher faz perguntas sobre a veracidade da informação que ele discute, e ele, de certa forma, concorda com ela, mas no final mantém a opinião, que acredita ser falsa. Tanto a quebra quanto a exploração de máximas ajudam a interpretar o problema social apresentado pela tirinha: o ódio e o preconceito contra minorias, justificados por um discurso de igualdade que já está ultrapassado.

Figura 6



Fonte: (Cereja; Dias Vianna; Damien, 2016)

A Figura 6 é um *cartum* e está na unidade 3, no capítulo 3, que trata da "Geração de 45: Clarice Lispector e Guimarães Rosa - Análise Linguística: Implícitos e Intertextualidade - A Dissertação (III)". Ela faz parte do tópico "Língua e Linguagem: Análise Linguística: Implícitos e Intertextualidade", na página 234. Esta tirinha aparece no início do tópico, acompanhada de piadas, anúncios e cartazes. A proposta de interpretação é apresentada por meio de quatro questões que relacionam a intertextualidade da tirinha com conhecimentos biológicos sobre o tema abordado. Este tópico explora as relações que um texto pode estabelecer com outros textos para construir seu significado. Abaixo colocarei as questões:

1. Observe a parte não verbal do cartum.
 - a. O que cada um dos três pássaros está fazendo?
 - b. O que o olhar do crocodilo expressa?
2. Agora leia a fala do pássaro e levante hipóteses:
 - a. O começo de sua fala é uma resposta dada a qual fala anterior, implícita no contexto do cartum? De quem foi essa fala?
 - b. O receio desse pássaro é de que aconteça o quê?
 - c. O olhar do crocodilo é consequência de qual ação anterior que ele praticou?
3. Leia o boxe "O crocodilo e o pássaro-palito" e responda:
 - a. Qual é o "livro sobre os animais" a que o terceiro pássaro faz referência?
 - b. Por que ele julga importante que o crocodilo tenha lido esse livro?

O crocodilo e o pássaro-palito

No estudo dos tipos de relações dos seres, a biologia chama a atenção para a protocooperação existente entre algumas espécies, na qual há benefícios para todos os seres envolvidos, embora eles não dependam um do outro para sobreviver. É esse o caso do crocodilo e do pássaro-palito: o pássaro se alimenta de parasitas e restos de comida que estão na boca do crocodilo e, como consequência, contribui para a higiene bucal de seu companheiro.



mons Bildarchiv GmbH/Alamy Stock Photo/Fotoarena

4. O humor do cartum é construído com base em uma quebra de expectativa trazida pela fala do pássaro.

a. Qual expectativa é quebrada?

b. Uma pessoa que não conhece a relação ecológica existente entre crocodilos e pássaros é capaz de compreender o cartum em sua totalidade? Justifique sua resposta.

Essa atividade, assim como nas outras tirinhas, inclui elementos visuais que são essenciais para a construção da interpretação. Também aborda aspectos pragmáticos, promovendo a criação de hipóteses e explorando os implícitos do texto. Embora esta tirinha tenha sido selecionada especificamente para trabalhar a questão dos implícitos e da intertextualidade, podemos afirmar que todas as demais tirinhas também trabalharam esses aspectos, uma vez que os implícitos são parte constituinte da interação social.

Na tirinha, vemos três pássaros. O primeiro, mais próximo da boca do jacaré, parece tranquilo e seguro de que não há perigo em estar ali. Entretanto, o segundo pássaro está voltado para o terceiro, que demonstra preocupação por estar dentro da boca do jacaré. Através da fala "eu sei... Eu li o livro sobre os animais... mas será que ele também leu?", uma informação implícita é ativada, que não está explicitamente presente no texto: a ideia de que o segundo pássaro deve ter tentado tranquilizar o terceiro, mencionando um livro que afirma que os jacarés não se alimentam de pássaros-palitos. Essa implicatura surge da expressão "eu sei" e da reação dos pássaros. Para que o leitor consiga interpretar este texto, é necessário que o leitor compreenda a função biológica do pássaro-palito em relação aos crocodilos, informação que também é fornecida, em conjunto com os aspectos linguísticos da tirinha, na atividade como um dado extra para construir os sentidos do texto.

A implicatura de que o pássaro não seria engolido pelo jacaré, porque sua função biológica seria "limpar" a boca do jacaré e não ser sua refeição, faz com que o leitor perceba uma irrelevância no medo que o pássaro teria sentido ao entrar na boca do outro animal, mesmo tendo lido "o livro sobre os animais".

De modo geral, no gênero textual tirinha são exploradas diversas máximas conversacionais para que o leitor possa perceber os sentidos dos quadrinhos. Sem o conhecimento do senso comum ou de algum fator histórico, um pensamento abduutivo, o conteúdo da tirinha será dificilmente percebido. Nessa última tirinha, por exemplo, se o leitor não conseguir identificar qual a espécie dos pássaros que estão na boca do jacaré e sua função biológica – alimenta-se dos restos de comida dos dentes do jacaré, provavelmente não entenderá que a máxima quebrada será a da relevância e a interpretação sobre a tirinha será diferente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o gênero tirinhas no livro didático, pudemos concluir que há uma pluralidade de máximas sendo quebradas ou exploradas. No entanto, pressupondo que as tirinhas possuem como característica a ironia, a máxima da relevância é frequentemente explorada para a construção de outros sentidos que tornam o que o falante disse relevante, através de ambiguidades e metáforas. Ao tentar entender o conteúdo da tirinha, o leitor recorrerá ao Princípio da Cooperação, proposto por Grice, no qual o falante (escritor) está sendo cooperativo e utilizará de alguns recursos linguísticos para que o leitor busque significados implícitos ao texto.

Pudemos observar que a maioria das tirinhas e *cartuns* levam a uma reflexão crítica sobre questões sociais. A primeira tirinha, por exemplo, aborda a violência nas redes sociais; a segunda trata da corrupção política em construções públicas; a terceira discute a concentração de renda e sua relação com a discriminação social; e a quinta traz o preconceito e o discurso de ódio contra o público LGBTQIAPN+.

Todas essas tirinhas utilizam a exploração ou quebra das máximas para uma interpretação crítica sobre a conversação entre os participantes da conversa revelando os significados implícitos que permitem uma reflexão mais profunda. O objetivo educacional é evidente em todas as tirinhas, pois elas utilizam o discurso para explicar temas como concordância nominal, regência verbal, regência nominal e elementos textuais dissertativos, assuntos que muitas vezes ainda são abordados de forma tradicional em sala de aula, sem provocar uma reflexão crítica acerca das interações reais entre os falantes.

Essa interpretação, a partir da construção dos significados que muitas vezes são compartilhados por experiências reais, está de acordo com a ideia de linguagem como interação no mundo, dos PCN's, e reforçam a importância da reflexão sobre os recursos utilizados no texto e a necessidade de analisar os gêneros textuais por um eixo transversal: a análise linguística.

Embora as tirinhas não tragam uma situação de comunicação real entre falantes, esse gênero, muito comum em materiais didáticos, pode ser utilizado em sala de aula para refletir sobre o nível implícito da conversa. Ao compreender os significados que vão além do texto, partindo do pressuposto de que a fala precede a materialidade, os

alunos podem desenvolver uma reflexão crítica sobre o que é dito e o que se intenciona dizer, capacitando-os a desenvolver seus próprios textos.

REFERÊNCIAS:

CEREJA, W. R. **Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso**. Vol. 3. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

GERALDI, J. W.. O ensino de língua portuguesa - e a Base Nacional Comum Curricular. **Retratos da Escola**, 9(17), 2016.

GRICE, P. H.. Lógica e conversação [1975] Tradução de Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (org.). Pragmática – Problemas, críticas, perspectivas da linguística – Bibliografia. **Fundamentos metodológicos da linguística**. Vol IV. Campinas, SP, Edição do organizador, 1982.

LEVINSON, Stephen. **Pragmática**. Tradução: Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. Revisão da tradução: Aníbal Mari. Revisão técnica: Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983].

MARCUSCHI, L. A.. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p. ISBN 978-85-88456-74-7

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [2007].

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; BASSO, Renato M. **Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas**. São Paulo: Parábola, 2014.